

## **Número de casos de sarampo na Europa já ultrapassou total do ano passado. Portugal está alerta**

Organização Mundial de Saúde alerta para situação “preocupante”. Portugal tem cobertura vacinal “tão elevada que não há condições para que o vírus se torne endémico”, diz directora-geral de Saúde.

Pela primeira vez desde que a Comissão Regional para a Verificação da Eliminação do Sarampo e da Rubéola (RVC, na sigla inglesa) da Organização Mundial da Saúde (OMS) começou a trabalhar na Europa, em 2012, quatro países — Reino Unido, Grécia, Albânia e República Checa — perderam o estatuto de eliminação do sarampo.

A perda do estatuto significa que, em 2018, os países não foram capazes de controlar a tempo (têm um ano) o surgimento de novos surtos. As conclusões da RVC foram publicadas nesta quinta-feira. Em comunicado enviado às redacções, a OMS avisa que a Europa está a “perder terreno nos esforços pela eliminação do sarampo”. Esta avaliação foi feita com recurso aos dados de 2018. O cenário será ainda pior em 2019. Só na primeira metade do ano, já foram reportados cerca de 90.000 casos de sarampo nos 53 países que integram a região europeia da OMS. Mais do que o total registado em 2018 durante todo o ano (84.462).

A nível mundial, a situação também não é melhor. Na primeira metade do ano já foram registados cerca de 364.000 casos de sarampo em todas as regiões da OMS. “É o valor mundial mais elevado [para o período homólogo] desde 2006”, disse em conferência de imprensa Kate O'Brien, directora do departamento de imunização e vacinas da OMS. A responsável garante que “vamos continuar a ver um aumento a não ser que sejam tomadas acções significativas”.

No caso dos países que perderam o estatuto de eliminação do sarampo, O'Brien diz que “têm coberturas vacinais extremamente altas e foi por isso que conseguiram alcançar a eliminação em primeiro lugar”. Contudo, lança o alerta: “Não basta conseguir e manter uma grande cobertura vacinal a nível nacional num cenário onde as importações [casos de sarampo que vêm de fora] ocorrem”, como mostra o exemplo destes países.

Dos 53 países analisados, há 35 que mantêm ou conquistaram (caso da Suíça e da Áustria) o estatuto de eliminação do sarampo — Portugal é um deles. Há ainda 12 países onde a doença é endémica. Já a Bélgica e o Cazaquistão interromperam a transmissão do sarampo há mais de 12 e 24 meses, respectivamente.

“A reemergência da transmissão do sarampo [em 2018] é preocupante. Se a alta cobertura vacinal não for alcançada e mantida em todas as comunidades, tanto as crianças como os adultos sofrerão de forma desnecessária e, tragicamente, alguns morrerão”, alerta em comunicado Günter Pfaff, presidente da RVC.

A avaliação da comissão de verificação da OMS — composta por um painel independente de especialistas que se reúne anualmente para avaliar o estatuto de eliminação do sarampo na Europa —, tem em conta relatórios relativos a 2018 submetidos por cada país. A comissão avalia os “dados de vigilância do sarampo, cobertura vacinal, resposta a surtos e o alcance de campanhas suplementares de imunização e outras actividades”.

## Portugal está alerta

A gravidade da situação já levou a OMS a declarar uma emergência de nível 2 para a infecção na Europa. Graça Freitas, directora-geral de Saúde, diz que é uma situação “extraordinária”. A responsável explica que este nível de alerta ajuda “a OMS a mobilizar recursos técnicos, humanos e financeiros — é um mecanismo interno da organização”, mas pouco habitual na Europa. “Não temos doenças infecciosas com esta magnitude.”

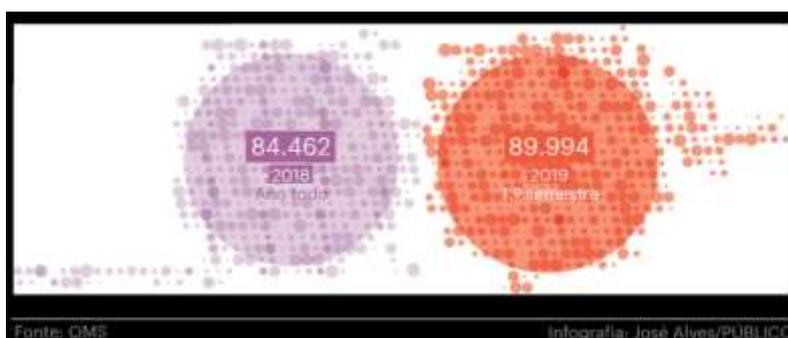
Em Portugal a situação é mais animadora: no primeiro semestre deste ano contaram-se 10 casos. Em 2018 foram 171. Além disso, Portugal mantém o estatuto de eliminação do sarampo desde 2015 e, apesar dos surtos pontuais desde o início dos anos 2000 que o número de novos casos é residual.

Mas há riscos. “Mesmo países como Portugal que não têm circulação endémica do vírus e que têm [cobertura de] vacinação tão elevada que não há condições para que o vírus se torne endémico, podem sempre ter surtos”, explica Graça Freitas. “Isso é uma preocupação.”

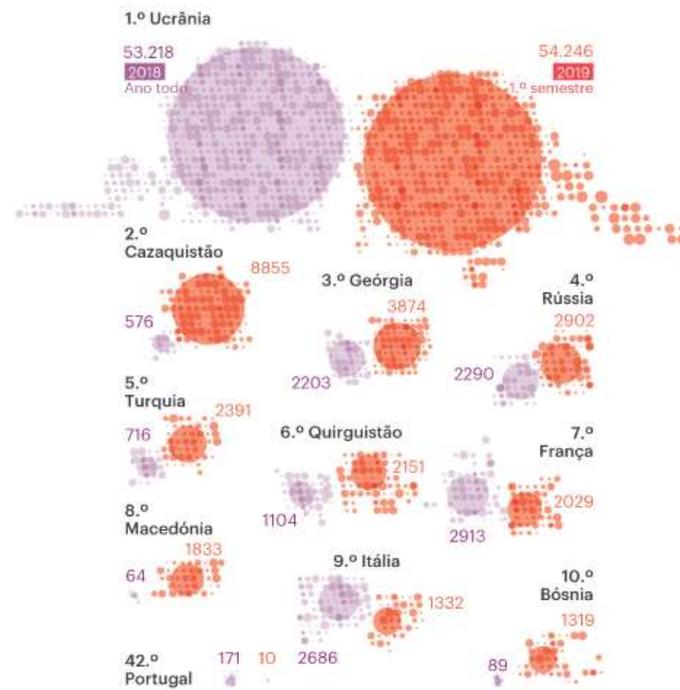
Para a responsável da Direcção-Geral da Saúde (DGS) “a capacidade de resposta é muito importante”. Nomeadamente, a “rapidez com que detectamos os casos e que tomamos medidas para não continuar” — os últimos surtos foram resolvidos em menos de dois meses, diz Graça Freitas. “O que aconteceu nalguns países é que a partir de pequenos surtos eles não foram contidos enquanto eram relativamente pequenos, expandiram-se e tornaram-se grandes surtos e epidemias.”

O facto de Portugal ter grande proximidade com o Reino Unido e com a República Checa, dois dos países em que a situação se agravou, “aumenta o risco”. Por outro lado, a Suíça “tomou grandes medidas e voltou a adquirir o estatuto de eliminação”. “É bom porque temos grandes ligações através dos emigrantes com a Suíça”, diz a directora-geral da Saúde.

E como é que se mantém o controlo da doença numa Europa onde proliferam novos casos? “Com muito trabalho, confiança nas pessoas, muita advocacia e muita comunicação a favor da vacinação”, refere a responsável pela DGS. “Temos mesmo de trabalhar sempre muito. É uma doença muito contagiosa e há sempre pequenas comunidades e pequenos grupos que não se vacinam.”



## Portugal está entre os países com menos casos de sarampo



Fonte: OMS

Infografia: José Alves/PÚBLICO

Rita Marques Costa

In "Público"